CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2175.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

ARTIGO / ARTICLE

A CONTEMPLAÇÃO DA MORTE COMO PERSPECTIVA TRANSFORMADORA DE VIDA ETERNA: RITO EXEQUIAL CATÓLICO E CEMITÉRIO

CONTEMPLATING DEATH AS A TRANSFORMATIVE PERSPECTIVE OF ETERNAL LIFE: CATHOLIC FUNERAL RITE AND CEMETERY

Elessandro Feitosa da Silva[1]

Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador – UCSal (Salvador-BA), Pós-Graduado em Direito Matrimonial Canônico pelo Instituto São Tomás de Aquino – ISTA (Belo Horizonte), Pós-Graduado em Psicopedagogia na Formação do Ensino-Aprendizado pelo Centro Universitário Claretiano – CEUCLAR (Batatais-SP). Licenciado em Filosofia e Matemática pelo Centro Universitário Claretiano – CEUCLAR (Batatais-SP). E-mail: elessandro.silva@ucsal.edu.br

Recebido: 01/05/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Objetiva-se com este trabalho apresentar a importância do rito exequial católico na vida da família que perdeu o "enter" querido. Ao longo da história a morte foi entendida como processo de transformação (período paleolítico); transição para a vida eterna (Egito); cessação da vida (Aristóteles); uma passagem que permitia à alma se libertar do corpo e daí se alcançava a imortalidade (Sócrates e Platão). A morte é uma realidade existente na natureza humana, ou seja, é uma parte inevitável, como prescreve o rito exequial católico. Para a Igreja Católica, a morte não é o fim, mas uma passagem que tem sua continuidade na dimensão espiritual. A ministração do rito exequial destaca a valorização das tradições familiares e os costumes estabelecidos em cada localidades, pois, é papel dos cristãos afirmar a esperança da vida eterna, aos fiéis que estão enlutados. No rito exequial existem modelos bem específicos que são próprios para crianças, adultos e religiosos. Esses modelos são celebrados em três momentos distintos: na casa do morto; no momento em que estão colocando na urna (caixão) e por último, no cortejo do corpo a sepultura. Em suma, a contemplação da morte como perspectiva transformadora da vida é refletida enquanto corpo com seu repouso no cemitério, e, nisso Rabinovich apresenta algumas características sobre os túmulos que são os locais físicos da morte, denominado-os a casa dos mortos (sepultura), para mostrar os diversos modelos conservados pela cultura e história: as matérias, as formas, os ornamentos e os níveis dos túmulos.

Palavras-chave: Católico. Cemitério. Morte. Rito Exequial. Vida Eterna.

ABSTRACT: This work aims to present the importance of the Catholic funeral rite in the life of a family that has lost a loved one. Throughout history, death has been understood as a process of transformation (Paleolithic period); a transition to eternal life (Egypt); the cessation of life (Aristotle); a passage that allowed the soul to be freed from the body and thus achieve immortality (Socrates and Plato). Death is a reality inherent in human nature, that is, it is an inevitable part, as prescribed by the Catholic funeral rite. For the Catholic Church, death is not the end, but a passage that continues into the spiritual dimension. The administration of the funeral rite highlights the value of family traditions and customs established in each locality, as it is the role of Christians to affirm the hope of eternal life to

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

the bereaved faithful. The funeral rite has very specific models that are appropriate for children, adults, and religious individuals. These models are celebrated in three distinct moments: at the home of the deceased; The moment the body is placed in the urn (coffin) and finally, in the funeral procession, the body is laid to rest. In short, the contemplation of death as a transformative perspective of life is reflected in the body's repose in the cemetery, and in this, Rabinovich presents some characteristics of the house of the dead (graves), the physical local of the death, to show the various models preserved by culture and history: the materials, the forms, the ornaments, and the levels of the tombs.

Keywords: Catholic. Cemetery. Death. Funeral Rite. Eternal Life.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discutir a contemplação da morte a partir de uma perspectiva transformadora de vida eterna: rito exequial católico e cemitério.

A elaboração desta discussão foi pensada em três momentos: no primeiro, apresenta-se a etimologia da palavra morte e a sua definição perpassada por diversos pensadores.

No segundo momento, discutimos o rito de exéquias católico, a partir de um documento chamado presbiteral, e, com essa reflexão destacamos alguns pontos, tais como: os três momentos mais importantes de se realizar as exéquias; os principais tipos de exéquias e, por último, um modelo básico (roteiro) de celebração de exéquias.

Cemitério, a casa permanente dos mortos foi a terceira parte deste trabalho. Essa parte está dividida em dois momentos: foram elencados alguns elementos importantes da morada dos mortos (cemitérios): matéria dos túmulos, as formas dos túmulos, os ornamentos nos túmulos, e, por último, os níveis dos túmulos.

Para a última parte, levantamos uma discussão a respeito do cuidado e norma que um cemitério precisa ter para não causar impacto biológico. E, para solucionar o problema de impactos em cemitérios que são esquecidos, descrevemos que a cremação seria o melhor procedimento de resolver essa questão.

Enfim, a contemplação da morte a partir de uma perspectiva transformadora de vida eterna, perpassada pelos ritos exequial católico e o cemitério como morada permanente dos mortos, foi a discussão relevante destacada em nosso trabalho.

I - Conceituando a Morte

A etimologia da palavra “morte” é apresentada por Veschi (2019), a partir da língua latina que quer dizer “*mors”* e a raiz *“mor”*, associada ao verbo *mori*, que significa morrer.

Na perspectiva de Antonucci e Lehmann (2023), a definição de morte é entendida de forma ampla. De início, eles defendem que os seres humanos são multidimensionais, corpo e psique, e, por isso, é insuficiente abordar a morte somente pelo aspecto biológico, até porque, “a morte pode ser caracterizada como biológica e clínica e esta antecede à biológica, que pode ocorrer muito tempo depois” (Villas-Boas *apud* Antonucci; Lehmann, 2023, p. 02).

Nessa mesma linha, os autores perpassam o conceito de morte por diversas épocas da história e na visão de diversos pensadores: para o período paleolítico, a morte era consideração uma transformação, isso por conta da vivência nômade prevalente na pré-história e pela presença dos ritos da passagem como forma de organização social. Já no Egito, “a morte passa a ser considerada uma transição para uma existência eterna, baseada em moralidade” (Antonucci; Lehmann, 2023, p. 02).

A morte era entendida por Aristóteles como a cessação da vida. Ela não é a finalidade da vida, mas sim o seu término, e para esse autor, não há vida após a morte. Nesse sentido, Antonucci e Lehmann (2023, p. 03) sinalizam a partir de Aristóteles, que “a alma é a forma funcional do ser humano, de modo que, quando um corpo deixa de realizar suas funções, ela também deixa de existir e o corpo não é mais uma pessoa”.

Já Sócrates e Platão tinham o pensamento parecido a respeito da morte, e diferente do pensamento de Aristóteles. Sócrates entendia a morte como uma passagem que permitia à alma se libertar do corpo, alcançando assim, sua plenitude (verdade). E Platão seguia essa mesma linha de raciocínio, acreditando que a morte é a libertação da alma do corpo, e, daí se alcançava a imortalidade, ou seja, ele entendia que, ao morrer, a alma retornava ao mundo das ideias onde reside a verdade e a imortalidade.

Os autores descrevem ainda o conceito de morte a partir de uma visão filosófica materialista da terminalidade explicitada por Feldman (in Antonucci e Lehmann, 2023, p. 03):

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052182, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2182 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

> A morte seria um momento profundamente transformador de um objeto que, uma vez vivo, passa a não estar mais vivo, no entanto não deixa de existir. É óbvio que o corpo não desaparece com a morte, mas na visão materialista, a morte é dissociada da pessoa e suas propriedades a transformam em alguém morto. O corpo não surgiu a partir da morte do indivíduo, pois já existia e continuou existindo como cadáver (Antonucci; Lehmann, 2023, p. 3).

Antonucci e Lehmann (2023, p. 4) afirmam que definir um diagnóstico de morte para área médica é um desafio muito grande, até porque, a conceituação tem-se evoluído conforme novas tecnologias e conhecimentos que surgem, por exemplo: em meados do século XVIII entendiam a morte natural como parada da circulação, já em estudos de 1994 considerava a morte natural, como “a suspensão permanente das funções vitais do como”.

Seguindo esse mesmo pensamento, a Biologia diz que a morte tem seu início no momento em que o organismo cessa seu funcionamento, e, não somente como um momento único e finito, mas como um processo que abrange uma sequência de fenômenos gradativos.

II - Ritos Exequial Católico

Para refletir a contemplação da morte a partir de uma perspectiva transformadora de vida eterna, enfocando o rito católico exequial e o cemitério, foi necessário entender a conceituação de morte perpassado por alguns pensadores e tempos importantes como o paleolítico (morte = transformação, por conta dos ritos de passagens) e no Egito (morte = transição, baseada na moralidade).

Pretende-se refletir não dando ênfase à morte, mas descrevendo que, a partir dela, há continuidade de vida, principalmente como prescreve o rito exequial católico.

Exequial é uma palavra de origem latina "exsequialis", que por sua vez vem do verbo "exsequi", que significa "seguir" ou "acompanhar até o fim". "Exequias" referem-se às cerimônias fúnebres e cortejo que acompanham o corpo do falecido, e "exequial" é o adjetivo relacionado a estas cerimônias.

Na igreja católica, existe um livro chamado presbiteral que estabelece como deve ser celebrado o rito exequial para o morto de crença católica, mas antes de escolher o rito, precisa-se conhecer se a pessoa é criança, adulto, padre, bispo, papa... até porque, no rito, tem sua especificidade.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052182, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2182 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

O livro presbiteral é um livro litúrgico que contém os ritos e as orações próprias dos sacramentos que o presbítero (padre) deve utilizar em suas celebrações. Nele contém os ritos sacramentos (batismo, penitência, unção dos enfermos, matrimônio, exéquias e ritos de bençãos).

O documento presbiteral nos faz lembrar a importância do rito escolhido e destaca a valorização das tradições familiares e os costumes estabelecidos em cada localidade em relação à morte como continuidade da vida:

> Cuidem os cristãos de afirmar a esperança da vida eterna; mas façam isso de tal forma que não pareçam ignorar ou desprezar a mentalidade e o modo de agir dos homens de seu tempo e região, no que se refere aos mortos. Aceite-se de bom grado o que houver de bom nas tradições familiares, nos costumes locais e nos serviços das empresas funerárias; o que, porém, estiver em contradição com o Evangelho, procure-se transformar, de modo que a celebração das exéquias cristãs manifeste realmente a Fé pascal e o espírito do Evangelho (PRESBITERAL, 2008, p. 455).

Nesse sentindo, o Presbiteral (2008) estabelece algumas orações de punho exequial, que podem ser usadas em favor do Sulfrágio dos mortos, como rito de oração celebrado, pelo menos nos momentos principais, entre a morte e a sepultura. Não precisa necessariamente ser a celebração da Missa, mas realização de orações especificas para cada momento.

Um questionamento é suscitado com essa reflexão: qual seria o melhor momento para prestar a última homenagem ao ente querido (morto)? Como decreto 2328/70 do Presbiteral (2008), referente aos ritos de exéquias, três são os momentos mais importantes:

1º. A vigília de oração na casa do morto;

2º. O momento em que o corpo é colocado no caixão;

3º. A condução do corpo a sepultura.

Nessa mesma perspectiva, e, levando em consideração os costumes próprios de cada região, o Presbiteral (2008) apresenta três tipos de Ritual para as exéquias de adultos. Vejamos:

- O 1º tipo prevê três celebrações, ou seja, na casa do morto, na igreja e no cemitério;
- O 2º tipo supõe, apenas, duas celebrações, uma na capela do cemitério e a outra junto ao sepulcro;
- O 3º tipo possui apenas uma celebração, e esta, na casa do morto.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052182, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2182 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

De acordo com o Presbiteral (2008), o 1º tipo de Rito acontece muito constantemente na zona rural (na casa do morto, na igreja e no cemitério), diferentemente das grandes cidades, no qual a deficiência do clero e a distância entre o cemitério e as igrejas tornam quase impossível a ida do sacerdote ao cemitério e à casa do morto. Por isso, muitas vezes, o clero (sacerdote ou diácono) realiza o rito exequial em um único momento e, normalmente, no local onde velam o morto.

O 2º Rito Exequial abrange duas celebrações e ambas no cemitério (na capela mortuária e junto ao sepulcro). Nesse tipo de exéquias, não se prevê a celebração de missa; a missa exequial precisa ser celebrada na ausência do corpo, antes ou depois de exéquias, ou seja, qualquer missa para aquela pessoa que morreu na ausência do corpo já conhecida como missa exequial, agora com o corpo presente se faz uma celebração exequial, essa celebração não é missa.

O Rito das exéquias conforme o 3º tipo, a ser celebrado na casa do morto, ainda que em que certas regiões possam ser julgadas desnecessário, em outras parece útil. Com a chegada dos ambientes mortuários, tudo ficou melhor, inclusive o ato celebrativo do Rito Exequial, pois, com a adesão ao plano funeral, cada vez menos as pessoas velam seu ente querido em casa, mas sim, nesse ambiente mortuário.

Costuma-se usar o Rito Exequial mais simples para as celebrações, seja na casa aonde estão velando o morto; seja na capela do cemitério ou no próprio velório (ambiente aonde velam do morto). Por exemplo, esse é o Rito Exequial mais utilizado:

1º. Canto de Entrada para acolher os visitantes no ambiente de velação;

2º. Saudação aos presentes independentes da profissão de fé;

3º. Oração inicial, pedindo o descanso eterno do falecido;

4º. É proferido uma leitura do antigo testamento (Sabedoria – que discute a morte em duas visões: humano (desgraça) aos olhos da religião (bênção, descanso eterno);

5º. Leitura do Evangelho de João 14 (O evangelista descreve para os presentes que a morte não é o fim, mas uma continuidade. Essa passagem é uma carta de amor de Jesus para os que Nele creem. Ele afirma: “Na casa do meu Pai tem muitas moradas, se não fosse assim, eu vos teria dito. Eu vou

preparar uma morada para cada um de vocês, quando sua morada estiver pronta, Eu virei e levarei você comigo, a fim de que, onde estou, estarás vós também comigo" (João 14, 1-7).

6º. É feito o momento de oferecimento a partir de algumas preces que são lidas para: o morto, a família, os parentes em geral e para a comunidade;

Ainda sobre o rito de exéquias católica, as famílias que optarem por cremação de seus entes queridos podem solicitar a celebração exequial no mesmo ambiente de cremação, antes de executar o ato. O ato celebrativo nesse ambiente de cremação deve ser realizado com cautela e muito consciente, até porque esse ambiente não é comum com as realizações de exéquias.

III - Cemitério, a casa permanente dos mortos

No momento em que uma pessoa perde um ente querido, ela fica desanimada, fragilizada e, muitas vezes, sem direcionamento em sua vida, acontece como que, um "estado depressivo", e, com isso, é importante que todas as religiões desenvolvam atos celebrativos (cada qual do seu modo e para o seu próprio discípulo) que acolham os familiares nesse momento de luto.

O rito exequial é celebrado para dois propósitos: primeiro, acolher os familiares que estão enlutados, e, depois, homenagear o ente querido (despedida) confidenciando aos familiares que a morte não é o fim desta pessoa, mas um processo de transformação, é uma fase, no qual culmina na vida eterna (crença cristã).

Durante a celebração de exéquias no rito católico é costumeiro falar das três grandes dores do luto, que a família sofre ao saber da morte do seu ente querido: a primeira é a ***notícia*** (quem recebe a informação sobre a morte, normalmente sofre o abalo); depois, o momento do ***encontro*** com a pessoa querida no caixão, e, por último, chamamos de corte do cordão umbilical, que seria o momento da ***despedida*** (enterro, parte do sepultamento).

Apresentamos a etimologia da palavra "morte" e sua conceituação na visão de Antonucci e Lehmann, Aristóteles, Sócrates e Platão; e, depois, refletimos um pouco sobre o rito exequial católico, agora discutiremos alguns pontos interessante do lugar aonde será sepultado a pessoa morta, ou seja, falaremos do cemitério – a casa ou morada dos mortos.

A reflexão sobre cemitério será explicitada a partir de Rabinovich (descreve alguns pontos importantes sobre a sepultura – casa dos mortos), e, também, por Telli (2022) que descreve uma questão preocupante sobre os cadáveres que foram sepultados em tempo do covid-19.

Em viagem realizadas pelo Brasil, Rabinovich (2011), sempre e na medida do possível, tentava visitar os principais cemitérios, observando assim, alguns pontos importes, tais como: matéria dos túmulos, as formas dos túmulos, os ornamentos nos túmulos, e, por último, os níveis dos túmulos.

As principais matérias de que eram feitos os túmulos é descrito por Rabinovich (2011) como: solo gramado, pedra bruta, mármore e, por último, construções em tijolo recoberto de cimento.

De acordo com autora, os túmulos em solo de gramados, são aqueles com aparência de parques ou jardins, e, junto ou posto sobre ela, está uma pequena placa com o nome do falecido. Esse tipo de túmulo é abordado pela contemplação da própria natureza, ou seja, é de uma temporalidade ligada à terra.

Já túmulos de pedras brutas parecem estar representando a natureza “dentro de um contexto de imanência ou de permanência, pois a pedra tem sido usada desde tempos imemoriais [...] como um retorno à natureza, à origem, mas com uma transformação pelo sagrado (RABINOVICH, 2011, p. 89).

Nessa perspectiva, Rabinovich (2011) compara o túmulo de mármore como se assemelhando aos das pedras, mas agora de forma diferente, visto que um túmulo de mármore é um túmulo fabricado, mesmo que apenas lapidado e polido, passou por um processo de extração, formatação e edificação propriamente dita.

Ainda sobre as principais matérias, Rabinovich (2011) afirma que os túmulos construídos em tijolo recoberto de cimento predominam muitas vezes, construídas em formatos de casas, capelas, igrejas com jazido familiar ou de ordem religiosa.

A forma orgânica, retangular e casas são as principais formas de túmulos apresentados pela autora e sobre isso ela defende que:

> As formas orgânicas são associadas à natureza, representando talvez a naturalidade da morte, a morte como estágio da vida. As formas retangulares são as predominantes, indicando a ação do Homem sobre

> a natureza dado que tais formas inexistem na mesma. Dentre elas, ressaltam-se os túmulos tríplices: dois patamares um pouco mais baixos do que um terceiro localizado entre eles. Essa forma sugeriu alguma elaboração em torno do número três, da Santíssima Trindade, ao poder gerador do três como união do céu e da terra (Chevalier; Gheerbrandt *Apud* Rabinovich, 2011, p. 94).

Outro elemento apontado pela autora são os ornamentos dos túmulos, classificado por ela, como: sem ornamentos; ornamentos naturais; inscrições; e objetos. Além disso, esses ornamentos podem ser vistos por meio de seu conteúdo; disposição; matéria e forma, e, que, poderia ser feito um estudo separadamente por conta de sua diversidade.

Para melhor exemplificar a questão da ornamentação a autora seleciona um túmulo, e, assim, faz a sua descrição, elencando sua beleza:

> Trata-se de um jazido familiar [...], formado por três partes, em forma de casa, de mármore preto. Lateralmente, dando para a aleia principal, está uma figura feminina em mármore branco deitada, em tamanho natural, como que dormindo, com a mão esquerda no coração. Sobre ela está a inscrição: “A serenidade da morte”. Sob ela, em outro nível, há um vaso com plantas plantadas. Na frente, dando para uma estreita passagem, pode-se ver a construção em forma de casa, formando um telhado com um portão de ferro pelo qual se pode espreitar o que está dentro. A altura da construção é a do olho. O portão de ferro forma a seguinte cena: dois anjos, formas femininas aladas, circundam uma pira, isto é, um vaso, de onde sai uma chama em direção ao alto. No centro do vaso, há uma caveira com dois ossos se cruzando atrás dela (Rabinovich, 2011, p. 94).

Sobre os níveis dos túmulos, Rabinovich (2011) destaca que há vários em relação ao solo: abaixo do nível; no nível do solo; ao nível do olho e acima do nível do olho. Dentre eles, vale destacar que os túmulos que estão abaixo do nível do solo, são túmulos abertos assemelhado a quarto ou capela mortuária e seu acesso é facilitado a partir de uma escada descendente. Já os túmulos que estão no nível do solo, esses são caracterizados por uma lápide que é colocada em cima do morto que tem por significado uma separação definitiva, ou seja, um encerramento.

Seguindo essa linha, a autora apresenta o verdadeiro significado da lápide em sua horizontalidade e verticalidade, seja em gramado ou mármore. O primeiro modelo de lápide está relacionado à separação total entre os planos vivo-morto, enquanto que a segunda traz a figura do morto para o plano do vivo (Rabinovich, 2011).

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052182, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2182 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Vivo sim, morto não - Uma preocupação social com o ambiente aonde habita os mortos

Essa questão foi iluminada a partir de um artigo de Telli (2022) publicado na Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, com o título *Cemitérios tradicionais: ricos ambientais e o destino final dos corpos*. Neste artigo, a autora mostra que sepultamentos realizados fora do padrão trazem consequências catastróficas para o meio ambiente.

O tempo da pandemia e, de modo especial, os sepultamentos de vítimas da covid-19, gerou inquietações para o hidrogeólogo Leziro Marques Silva, que é professor na Universidade São Judas Tadeu, pontuando duas preocupações: o crescente números de vitimados na pandemia e o impacto ambiental, dada a urgência com que eram feitos os sepultamentos.

De acordo com Telli (2022, p. 1), a preocupação de Silva era que:

> [...] a contaminação das águas subterrâneas pelo necrochorume, um líquido acinzentado, de odor fétido que tem, em sua composição, 60% de água, 30% de substâncias mineralizáveis e 10% de substâncias complexas (cadaverina e putrescina), além de carga virótica alta e fármacos, a de depender das circunstâncias em que a pessoa morreu. Essa substância, que é originada da decomposição do cadáver, pode chegar ao lençol freático quando o sepultamento é feito sem observância de normas de segurança que só há pouco tempo passaram a ser obrigatórias no Brasil.

A delimitação de normas para sepultamentos de corpos é importante, tendo em vista, o cuidado com a saúde pública e a prevenção de problemas relacionados a natureza, de modo especial ao lençol freático na possível contaminação das águas.

Para a instalação de novos cemitérios, o Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), delimitou em 2003, novas exigência e uma delas era que “a área de fundo das sepulturas deve estar, no mínimo, a um metro e meio de distância do lençol freático, medido no fim da estação de chuvas, quando está em seu nível mais alto” (Telli, 2022, p. 2).

É perceptível que, no Brasil, muitos cemitérios faltam ser mais organizados, estruturados e lembrados em projetos políticos adequados que ajudem no cuidado com o meio ambiente.

Existe outro meio menos agressivo de deterioração do corpo sem provocar tanto desconforto com o meio ambiente que é conhecido como cremação,

com isso, Telli (2022, p. 3) afirma que Silva é o maior defensor da cremação e que concebe essa postura como “o ideal, porque a oxidação do corpo é catalisada. Em duas horas o processo termina. Diferente da putrefação, em que a oxidação é lenta e todo o processo leva três anos”.

Além da cremação, Telli (2022, p. 4) destaca ainda na visão de Silva, outro procedimento de deterioração do corpo, que pode ser realizado em tempo ágil sem causar tanto impacto natural. Esse procedimento é conhecido como “hidrólise alcalina”, em que o corpo é decomposto em 90 minutos, por uma solução aquecida de água e hidróxido de potássio, em uma máquina própria para o processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão deste trabalho nos faz entender a contemplação da morte a partir de diversas lentes, mas aqui propomos limitá-la como perspectiva transformadora de vida eterna descrevendo o rito exequial católico (Beckhauser) e algumas características sobre a casa dos mortos (Rabinovich) – o cemitério (Sepulturas).

Biologicamente falando, sabemos que a morte é a última parte do ciclo da vida, que causa não somente uma lacuna física, mas desenvolvem marcas emocionais pela partida dos seus “*entes”* queridos, chamados aqui de três dores do luto: a notícia da morte; o encontro com o ente na urna (caixão), e, por último, a despedida (enterro, parte do sepultamento).

Outra questão discutida ao longo deste trabalho foi sobre o solo que recebe o corpo. É de suma importância que os cemitérios cumpram as normas devidas de sepultamentos minimizando os impactos do solo.

Portanto, a cremação do corpo é o método mais adequado no cuidado com o meio ambiente. Mas eis a questão: a Igreja Católica permite? Ela recomenda o sepultamento tradicional, mas tem sua permissão, desde 1963, desde que não escolha por ato de negação de fé na ressurreição nem se desfaça das cinzas, pois é preciso tratá-la com respeito conservando-as em lugar sagrado.

REFERÊNCIAS

ANTONUCCI, Adriano Torres; LEHMANN, Marcio Francisco. **Morte, diagnóstico e evento.** Revista Bioética. Vol. 31. Brasília-DF, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j /bioet/a/C9w VVFVL9 XnmnhhkfHv6zMr/. Acesso em: 05 mai. 2025.

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Vida a partir da morte meditações sobre o mistério pascal.** São Paulo: Paulus, 2017.

BECKHAUSER, Alberto (Frei). **Presbiteral**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. **A casa dos mortos.** Brazilian Cultura Studies, v 2, n 1, p 86-99, p. 2011.

TELLI, Luciene Santos. **Cemitérios tradicionais:** ricos ambientais e o destino final dos corpos**.** Revista Eletrônica de Jornalismo Científico - ago. 2002. Disponível em: https://www.comciencia.br/cemiterios-tradicionais-riscos-ambientais-e-o-destino-finaldos-corpos/. Acesso em: 02 jun. 2025.

VESCHI, BENJAMIN. **Etimologia da Morte.** Revista eletrônica Etimologia origem do conceito. 2019. Disponível em: https://etimologia.com.br/morte/. Acesso em: 14 mai. 2025.